



TEOLOGIA INTERCULTURAL COMO TEOLOGIA INTERMEDIÁRIA¹

INTERCULTURAL THEOLOGY AS IN-BETWEEN THEOLOGY²

Henning Wrogemann³

RESUMO

Desde o início do século XXI, o termo teologia intercultural vem ganhando cada vez mais força. Ao mesmo tempo, os termos cristianismo mundial e antropologia do cristianismo também se estabeleceram. Este artigo investiga o perfil da teologia intercultural em comparação com os outros dois termos e define o assunto como teologia entre-meios em relação a fatores como público, mídia, poder, metodologia, pluralidade e conectividade. Olhando para o futuro, o autor identifica os desafios atuais e propõe que a teologia intercultural deve ser entendida como uma disciplina descritiva e normativa, que a força motriz por trás dela é a reivindicação da verdade universal-missionária da mensagem de salvação do Novo Testamento e que – como uma disciplina com uma orientação principalmente sistemática – ela está comprometida com uma compreensão abrangente da realidade e da teologia.

Palavras-chaves: Teologia intercultural. Missiologia. Cristianismo mundial. Antropologia do cristianismo. Semiótica. Teoria do discurso. Hermenêutica intercultural. Teologia das religiões.

ABSTRACT

Since the beginning of the 21st century, the term intercultural theology has been gaining more and more traction. At the same time, the terms world Christianity and anthropology of

¹ Artigo recebido em 21 de outubro de 2024, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 14 de novembro de 2024, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Texto publicado em inglês originalmente em: WROGEMANN, Henning. **Intercultural Theology as In-Between Theology**. In: **Religions**. [S.l.], v. 12, n. 11, 2021, 1014. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/rel12111014>>.

³ Henning Wrogemann é Doutor e Livre-Docente em Teologia (Missiologia) pela Universidade de Heidelberg, Alemanha. Professor Titular no Instituto de Teologia Intercultural e Estudos Interreligiosos da Kirchliche Hochschule Wuppertal, Alemanha. O texto foi traduzido do inglês pelo Prof. Dr. Alexander de Bona Stahlhoefer – E-mail: alexander.stahlhoefer@flt.edu.br.

Christianity have also become established. This article inquires into the profile of intercultural theology against the other two terms and defines the subject as in-between theology with regard to such factors as audience, media, power, methodology, plurality, and connectivity. Looking forward, the author identifies current challenges and proposes that intercultural theology should be understood as a both descriptive and normative discipline, that the driving force behind it is the universal-missionary truth claim of the New Testament message of salvation, and that—as a subject with a primarily systematic orientation—it is committed to a comprehensive understanding of reality and theology.

Keywords: *Intercultural theology. Mission studies. World Christianity. Anthropology of Christianity. Semiotics. Discourse theory. Intercultural hermeneutics. Theology of religions.*

1 TEOLOGIA INTERCULTURAL EM DETRIMENTO DOS ESTUDOS ECUMÊNICOS E INTER-RELIGIOSOS

Do que se trata a teologia intercultural? Em termos de história acadêmica, a disciplina surgiu do campo dos estudos missiológicos⁴. Então, esse é apenas um novo rótulo para o mesmo velho assunto? Isso significa que tudo continua igual? Ou será que é o contrário? Trata-se de dar adeus ao tema da missão em um mundo global e plural e, em vez disso, celebrar a diversidade de culturas e religiões sob o termo teologia intercultural? Será que a novidade do termo consiste em não apenas reconhecer a diversidade, mas também deixá-la sem contestação como um gesto amigável de aprovação? Além disso, como seria isso exatamente? A teologia intercultural é uma disciplina de coletânea que compila meticulosamente todas as novas formas de presença cristã dos vários continentes em um álbum intitulado a diversidade do cristianismo? A teologia intercultural não tem a ver também com questões críticas e, portanto, avaliativas? Para dar um passo adiante: A teologia intercultural tem a ver com “teologia” no sentido de textos escritos? Trata-se apenas dos produtos de teólogos contextuais, como a Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (EATWOT)? Ou será que um foco nos discursos de elite da EATWOT não passaria simplesmente ao largo da massa da vida cristã como movimento de bases?

Para fornecer orientação nessa área temática, gostaria de propor as seguintes teses:

⁴ CARTLEDGE, Mark J. (Ed). **Intercultural Theology: Approaches and Themes**. Norwich: SCM-Press, 2011; WROGEMANN, Henning. **Intercultural Hermeneutics**. Downers Grove: IVP, 2016, p. 1-28. (Intercultural Theology, 1); PHAN, Peter C. World Christianity and Christian Mission: Are They Compatible? Insights from the Asian Churches. In: **International Bulletin of Mission Research**. [S.l.], v. 32, n. 4, 2008, p. 193–200. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/239693930803200406>>; FLETT, John; WROGEMANN, Henning. **Questions of Context: Reading a Century of German Mission Theology**. Downers Grove: IVP, 2020.

1. A teologia intercultural não se preocupa apenas com a teologia no sentido de textos acadêmicos, ou seja, com teologias explícitas, mas também com teologias implícitas expressas em outras mídias, como canções, poesias, danças ou representações gráficas.

2. A teologia intercultural não se refere apenas à cultura; ao contrário, esse termo também abrange outras categorias, como contexto (econômico, social, societário, ecológico, religioso etc.) e localidade. Como um termo técnico precisa ser sucinto, ele não pode representar todos esses aspectos por si só. Entretanto, deve ficar claro para aqueles que usam esse termo que “intercultural” não se refere apenas à “cultura” no sentido restrito.

3. A teologia intercultural não deve ser confundida com estudos ecumênicos no sentido de estudos denominacionais tradicionais, uma vez que, no assunto da teologia intercultural, toda a gama de métodos de estudos religiosos e culturais é ou pode ser utilizada, dependendo do tópico.

4. Tampouco se pode permitir que a teologia intercultural simplesmente se desintegre em uma teologia inter-religiosa no sentido de um pluralismo arbitrário, uma vez que a teologia intercultural reflete principalmente sobre o cristianismo como uma presença global com muitas variantes locais. Entre outras coisas, a teologia intercultural reflete sobre o trabalho de fronteira com outras religiões⁵.

A teologia intercultural não é, portanto, nem um novo rótulo para estudos missiológicos, nem um assunto completamente diferente; a teologia intercultural tem um horizonte mais amplo do que os estudos ecumênicos e um perfil decididamente cristão-denominacional em contraste com as abordagens pluralistas. Ela lida com a área temática do cristianismo como uma configuração religiosa globalmente presente. Além disso, a teologia intercultural precisa ser diferenciada das duas disciplinas representadas pelo *cristianismo mundial* e pela *antropologia do cristianismo*⁶.

2 TEOLOGIA INTERCULTURAL EM OPOSIÇÃO AO CRISTIANISMO MUNDIAL E À ANTROPOLOGIA DO CRISTIANISMO

Desde o início do século XXI, dois termos acadêmicos além de teologia intercultural se estabeleceram em nível universitário, a saber, *cristianismo mundial* e *antropologia do cristianismo*. Quais são as diferenças entre eles? Em resumo, o

⁵ WROGEMANN, Henning. 2019. *A Theology of Interreligious Relations*. Downers Grove: IVP, 2019. (Intercultural Theology, 3).

⁶ N.T.: *World Christianity* e *Anthropology of Christianity* são duas disciplinas da tendência atual no contexto anglo-saxônico que vieram como substitutas da missiologia clássica.

cristianismo mundial adota uma abordagem principalmente (embora não exclusivamente) histórica: desde a década de 1960, o cristianismo continuou a se expandir globalmente, desenvolvendo uma variedade cada vez maior de formas no processo⁷. A tarefa da disciplina *cristianismo mundial* é descrever esses desenvolvimentos⁸. O primeiro grande desafio enfrentado por ela é fornecer um relato o mais equilibrado possível do cristianismo, pois surge a questão de quem afirma que o que é essencial ou significativo e de qual perspectiva. Os estudiosos protestantes, por exemplo, muitas vezes descartaram as tradições ortodoxas⁹; o foco na América Latina, África e Ásia muitas vezes levou à exclusão da Austrália e da Oceania; e, de uma perspectiva global, o domínio das contribuições em inglês marginaliza as pesquisas em francês e espanhol.

Um segundo desafio é como *enquadrar* a produção de conhecimento: Quais esquemas são empregados?¹⁰ O foco está no centro e na periferia? Fala-se de múltiplos centros? A conceitualização é enquadrada em termos de estruturas de rede? O objetivo normativo é definido como uma tentativa de oferecer uma representação do todo o mais neutra possível, ou o discurso sobre a maior neutralidade possível é visto como um esforço para ofuscar as verdadeiras relações de poder, como afirma a crítica pós-colonial?¹¹ Entre muitas outras questões, um

⁷ SANNEH, Lamin. **Translating the Message**: The Missionary Impact of Culture. Maryknoll: Orbis Books, 1989.; BEDIAKO, Kwame. The Emergence of World Christianity and the Remaking of Theology. In: BURROWS, William R.; GORNIK, Mark R.; MCLEAN, Janice A (Eds.). **Understanding World Christianity**: The Vision and Work of Andrew F. Walls. Maryknoll: Orbis Books, 2011, p. 242–55.

⁸ ROBBINS, Joel. What is a Christian? Notes toward an Anthropology of Christianity. In: **Religion**. [S.l.], v. 33, n. 3, 2003, p. 191–99. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S0048-721X\(03\)00060-5](https://doi.org/10.1016/S0048-721X(03)00060-5)>; TAN, Jonathan Y.; TRAN, Anh Q. (Eds.). **World Christianity**: Perspectives and Insights; Essays in Honor of Peter C. Phan. Maryknoll: Orbis Books, 2016.; CABRIT, Joel; MAXWELL, David; WILD-WOOD, Emma (Eds.). **Relocating World Christianity**: Interdisciplinary Studies in Universal and Local Expressions of the Christian Faith, Theology and Mission in World Christianity. Leiden: Brill, 2017, v. 7; FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya (Eds.). **World Christianity**: Methodological Considerations. Leiden: Brill, 2020. (Theology and Mission in World Christianity, 19).

⁹ DAUGHRITY, Dyron B. Ignoring the East: Correcting a Serious Flaw in World Christianity Scholarship. In: ADOGAME, Afe; SHANKAR, Shobana (Eds.). **Religion on the Move!**: New Dynamics of Christian Expansion in a Globalizing World. Leiden: Brill, 2013, p. 41–59; HANN, Chris. The Heart of the Matter: Christianity, Materiality, and Modernity. In: **Current Anthropology**. [S.l.], v. 55, n. 10, dez./2014, p. 182–92. Disponível em: <<https://doi.org/10.1086/678184>>; NAGY, Dorottya. World Christianity as a Theological Approach: A Reflection from Central and Eastern Europe. In: CABRITA, Joel; MAXWELL, David; WILD-WOOD, Emma (Eds.). **Relocating World Christianity**. Leiden: Brill, 2017, p. 143–161.

¹⁰ FREDERIKS, Martha. World Christianity: Contours of an Approach. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya (Eds.). **World Christianity**: Methodological Considerations. Leiden: Brill, 2020, p. 10–40. (Theology and Mission in World Christianity, 19).

¹¹ GRUBER, Judith. Intercultural Theology as a (Post)colonial Project? In: **Interreligious Studies and Intercultural Theology**. Sheffield: Equinox Publishing, 2017, v. 1, p. 105–11.

terceiro desafio é, obviamente, entender as variantes locais do cristianismo tanto quanto possível com base em seus próprios pressupostos.

Como o nome sugere, as abordagens *do cristianismo mundial* tentam considerar o quadro geral, enquanto a antropologia do cristianismo se concentra na descrição de uma variante local do cristianismo de cada vez e – em certos casos – em derivar aplicações para outros fenômenos a partir dela também¹². Enquanto o cristianismo mundial segue um caminho predominantemente histórico, a orientação da *antropologia do cristianismo* é etnológica e, portanto, de natureza empírica. O *trabalho de campo* ocupa o centro do palco nessa última disciplina. Não é preciso dizer que o trabalho histórico faz parte do processo. Um ponto de foco proeminente é a relação entre continuidade e transformação, ou seja, a questão de até que ponto um grupo étnico local integra elementos cristãos em uma estrutura existente ou, inversamente, até que ponto essa estrutura é transformada por elementos cristãos. As questões relativas à relação de *agência* nas interações interculturais também são importantes, assim como a questão da interação entre os fenômenos locais e globais.

Em contraste com o foco histórico do cristianismo mundial e o foco empírico da antropologia do cristianismo, a *teologia intercultural* opera com um foco sistemático. Assim como nas outras duas disciplinas, essa é uma questão de ênfase; ou seja, os adeptos da disciplina também podem realizar pesquisas históricas, empírico-antropológicas e de estudos culturais e religiosos. Entretanto, como o termo “teologia” indica, a teologia intercultural não é apenas uma questão de pesquisa descritiva; em vez disso, declarações normativas (formuladas após as devidas deliberações da filosofia da ciência) também são apropriadas para essa disciplina¹³.

¹² CANNELL, Fenella (Ed.). **The Anthropology of Christianity**. Durham: Duke University Press, 2006; ENGELKE, Matthew; TOMLINSON, Matt (Eds.). **The Limits of Meaning: Case Studies in the Anthropology of Christianity**. New York: Berghahn Books, 2006; BARKER, John. Secondary Conversion and the Anthropology of Christianity in Melanesia. In: **Archives de Sciences Sociales des Religions**. [S.l.], v. 157, jan.-mar./2012, p. 67–87. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/assr/23633?lang=en>>; BARKER, John. The One and the Many: Church-centered Innovations in a Papua New Guinean Community. In: **Current Anthropology**. [S.l.], v. 55, n. 10, dez./2014, p. 172–181. Disponível em: <<https://doi.org/10.1086/678291>>; ROBBINS, Joel. Anthropology of Christianity: Unity, Diversity, New Directions: An Introduction to Supplement 10. In: **Current Anthropology**. [S.l.], v. 55, n. 10, dez./2014, p. 157–171. Disponível em: <<https://doi.org/10.1086/678289>>.

¹³ WROGEMANN, 2016, p. 22-25.

3 A TEOLOGIA INTERCULTURAL EM OPOSIÇÃO ÀS METATEOLOGIAS

Com relação às declarações normativas, a teologia intercultural às vezes é vista como um tipo de metateologia ética. Aqueles que defendem esse ponto de vista acreditam que teologias locais específicas dão origem a importações doutrinárias, ou seja, a imperativos éticos que toda teologia deve levar em conta. Por exemplo, os estudiosos podem apontar para a América Latina para fazer referência às teologias andinas, que estão particularmente preocupadas com uma apreciação teológica da Terra como um contexto ecológico. A tese é que – ao contrário do perfil da razão europeia – outros conceitos de razão devem ser considerados¹⁴. No entanto, embora a reflexão teológica sobre questões ecológicas certamente valha a pena ser considerada, permanece a questão de saber se as respectivas recomendações não estão sendo formuladas de forma muito ampla. O mesmo pode ser dito, por exemplo, para as teologias derivadas da Oceania, que apontam que os fenômenos contextuais locais, como a *comunalidade* e a *interconexão*, podem ser vistos como valores pacíficos¹⁵ que todas as teologias do mundo deveriam imitar.

Isso significa, então, que a *teologia intercultural* é uma metateologia que engloba todos os tipos de expressões culturais-contextuais do cristianismo, uma criadora de tendências, por assim dizer, de desafios globais e tentativas de respostas teológicas? Ela é um intermediário de tais valores, que, ilustrados localmente, podem reivindicar validade global?

Essa interpretação é bem possível. No entanto, a pergunta é: isso não equivale a uma idealização das culturas locais acompanhada de uma generalização do que é tipicamente desejável? Em suma, quase ninguém discordaria das afirmações de que a humanidade deveria lutar por mais liberdade, justiça, paz e sensibilidade ecológica; pelo contrário, esses são truísmos que quase podem ser descritos como clichês.

A *teologia intercultural*, nesse sentido, seria uma teologia que procede por meio da abstração de contextos específicos que corre o risco de se esgotar em uma perspectiva ético-moral. Assim, o que está em jogo aqui é o espaço intermediário do continental, o que torna difícil determinar exatamente do que se trata. O discurso sobre a razão europeia, por exemplo, é tão amplo que os esboços do suposto perfil dessa razão podem facilmente cair no domínio da ideologia e da

¹⁴ WALZ, Heike. A Critique of European Reason?: Challenges for Intercultural Theology from Latin America and Africa. In: FLETT, John; WROGEMANN, Henning (Eds.). **Questions of Context**. Downers Grove: IVP, 2020, p. 190–196.

¹⁵ BIRD, Cliff. Together Towards Life and Contemporary Pacific Theology. In: ROSS, Kenneth R.; KEUM, Jooseop; AVTZI, Kyriaki; HEWITT, Roderick R. (Eds.). **Ecumenical Missiology: Changing Landscapes and New Conceptions of Mission**. Oxford: Regnum Books International, 2016, p. 507–518..

arbitrariedade. Essas generalizações amplas não parecem úteis em vista da abundância e da especificidade dos perfis do que pode ser definido como razão¹⁶. Portanto, precisaremos prosseguir investigando os espaços intermediários mais específicos que são essenciais para a teologia intercultural.

4 A TEOLOGIA INTERCULTURAL COMO TEOLOGIA INTERMEDIÁRIA

Antes de explicar em que sentido a teologia intercultural deve ser entendida como uma teologia intermediária, proponho definir o assunto da seguinte forma:

A teologia intercultural reflete as interações missionárias ou que transpõem fronteiras do testemunho cristão de fé motivadas pela reivindicação da validade universal de sua mensagem de salvação. Na interação entre os respectivos contextos e atores culturais, religiosos, sociais e outros, essas interações levam à formação de várias vertentes de cristianismos locais. O fato de saber que elas pertencem umas às outras coloca diante dessas vertentes a tarefa de renegociar continuamente os conteúdos normativos da doutrina e da práxis cristãs na tensão entre universalidade e particularidade.¹⁷

Essa definição entrelaça as áreas temáticas de missão, cultura e religiões. Ela expressa a convicção de que o impulso missionário da mensagem cristã universal sempre levou e sempre levará a mensagem cristã a cruzar fronteiras (de todos os tipos). A missão é a força motriz por trás da teologia intercultural¹⁸. Isso estabelece simultaneamente o tema da universalidade e da particularidade: Somente aquele particular que se afirma ser universal – isto é, a história da salvação de Deus na história de Israel e do mediador da salvação, Jesus de Nazaré, que se torna conhecido como o Filho de Deus – pode impedir que a mensagem seja confinada, por assim dizer, em um contexto cultural específico. Sendo assim, esse particular (a história de Deus com Israel e em Jesus de Nazaré, o Cristo e Filho de Deus) desafia

¹⁶ MÖLLER, Horst. **Vernunft und Kritik**: Deutsche Aufklärung im 17. und 18. Jahrhundert. Frankfurt: Suhrkamp, 1986; HABERMAS, Jürgen. **Der philosophische Diskurs der Moderne**. Frankfurt: Suhrkamp, 1988.

¹⁷ WROGEMANN, 2019, p. 441-42.

¹⁸ VAN DEN TOREN, Benno. Intercultural Theology as a Three-Way Conversation: Beyond the Western Dominance of Intercultural Theology. In: **Exchange**. [S.l.], v. 44, 2015, p. 123–143; PAAS, Stefan. Intercultural Theology and Missiology. In: **Interreligious Studies and Intercultural Theology**. Sheffield: Equinox Publishing, v. 1, n. 1, 2017, p. 133–39. Disponível em: <<https://doi.org/10.1558/isis.32687>>; FLETT, John. Method in Mission Studies: Comparing World Christianity and Intercultural Theology. In: **Theologische Literaturzeitung**. Leipzig. [S.l.], v. 143, 2018, p. 717–732.

e transforma todas as culturas. A afirmação de que esse particular é universalmente válido – uma afirmação teológica – imediatamente levanta questões normativas. A interação entre esse particular que se afirma ser universal e as culturas individuais (com a palavra culturas novamente servindo como um termo abrangente que cobre todas as condições contextuais concebíveis da socialidade humana) estabelece o tópico da compreensão intercultural de várias maneiras. Esses fenômenos constituem a área temática da disciplina de teologia intercultural. Por esse motivo, a teologia intercultural deve ser entendida como uma teologia intermediária.

Em que sentido a teologia intercultural se move em espaços intermediários? A seguir, apontaremos alguns desses espaços intermediários e posições intermediárias. Basicamente, a preposição *inter* implica manter em perspectiva pelo menos duas expressões diferentes da presença cristã em termos de doutrina, prática e forma medial. Isso geralmente se refere a uma comparação entre presenças em diferentes continentes, países e culturas. Um exemplo pode ser uma comparação entre o engajamento social das abordagens teológicas da libertação no Brasil ou em Honduras, por um lado, e o das formas de igrejas pentecostais da África Ocidental, como a *Church of Pentecost* em Gana ou a *Redeemed Christian Church of God* na Nigéria, por outro¹⁹. Outra poderia ser uma comparação entre a religião de baixa intensidade, por exemplo, nas igrejas ortodoxas, por um lado, e as presenças católicas romanas no sul da Itália, por outro. Sempre, essas comparações são uma questão de considerar as presenças cristãs em regiões e países muito diferentes do mundo, cada um com suas próprias condições culturais, religiosas, sociais, econômicas e políticas específicas.

Entretanto, como esses fenômenos devem ser apresentados a partir da perspectiva de pesquisadores de um determinado país? O que esses pesquisadores selecionam? Quanta sensibilidade é necessária para que eles entendam que, dependendo do contexto, os cristãos podem considerar coisas muito diferentes como significativas? E quais autoridades podem afirmar que determinados fenômenos são ostensivamente significativos para seu grupo específico (seja qual for a forma que isso possa assumir)?

4.1 ENTRE A ACADEMIA E O NÍVEL DO MOVIMENTO DE BASES – A TEOLOGIA INTERCULTURAL E SEU PÚBLICO

A teologia intercultural oscila entre diferentes públicos no que faz. Por um lado, ela enfrenta a tarefa de realmente buscar as coisas que são significativas

¹⁹ ASAMOAH-GYADU, J. Kwabena. **Contemporary Pentecostal Christianity**: Interpretations from an African Context. Oxford: Regnum Books International, 2013; WROGEMANN, Henning. 2018. *Theologies of Mission*. Downers Grove: IVP, 2018, p. 297-305. (Intercultural Theology, 2).

nas bases (em um determinado contexto local). Por exemplo, podem ser diferentes formas de dignidade e honra, diferentes padrões de distribuição cultural de bens ou certas noções de justiça, tempo, espaço ou do que tem valor. Além disso, há também diferentes entendimentos sobre a bolsa de estudos e sobre o que é considerado academicamente aceitável, dependendo do contexto local. Os discursos acadêmicos de diferentes continentes, países e regiões variam consideravelmente. Não apenas os padrões acadêmicos e os marcadores de identidade discursivos diferem entre países e idiomas, mas também costumam diferir consideravelmente entre uma universidade e outra, e entre um seminário e outro. A teologia intercultural deve, portanto, permanecer consciente de sua própria condicionalidade; por exemplo, de seu compromisso com uma determinada cultura acadêmica (anglo-saxônica, por exemplo, ou indiana, japonesa ou alemã).

Isso, por sua vez, significa que os pesquisadores precisam começar refletindo sobre sua própria tradição acadêmica, com seus pontos fortes e fracos, suas preferências e seus pontos cegos. É imperativo conduzir uma investigação sobre essa condicionalidade que também seja informada pela filosofia da ciência. Os pesquisadores precisam chegar a uma compreensão mais profunda e abrangente dos pontos fortes e fracos de sua própria tradição, bem como de outras tradições.

Além disso, também é importante entender que tipo de educação teológica predomina em um determinado país. O que constitui a maior parte do que pode ser chamado de educação teológica? Aqui, o objetivo é chegar a uma interpretação adequada da situação em um determinado país. Para dar um exemplo: No caso da Coreia do Sul, durante as décadas de 1970 e 1980, era fácil obter a impressão, a partir do discurso internacional associado ao Conselho Mundial de Igrejas, de que a chamada teologia Minjung era uma tendência teológica predominante na Coreia do Sul. Essa interpretação, no entanto, deve-se apenas ao fato de que o material sobre o assunto vendia particularmente bem no mercado internacional de livros. Na realidade, as igrejas com uma orientação mais conservadora constituem a grande maioria dos cristãos no cenário cristão sul-coreano. Observações semelhantes podem ser feitas com relação a muitos países: teologias particularmente radicais tendem a chamar a atenção teológica, pois se destacam em meio à multidão de vozes com sua ofensividade (às vezes deliberada). Enquanto, por um lado, a teologia intercultural é chamada a identificar essas vozes, por outro lado, ela também é chamada a demonstrar seu significado limitado em um contexto específico. Frequentemente, nas bases questões muito diferentes desempenham um papel mais relevante do que aquelas consideradas nos poucos seminários que participam do discurso internacional.

4.2 ENTRE A TEOLOGIA EXPLÍCITA E A IMPLÍCITA – TEOLOGIA INTERCULTURAL E OS MEIOS

A teologia intercultural tem a tarefa de examinar, analisar e explicar o significado das teologias bíblicas explícitas de outros continentes. Por que, por exemplo, existem teologias em que Jesus Cristo é entendido como um mestre da iniciação, um proto-ancestral ou um Dalit?²⁰ Além disso, o que essas designações significam no contexto dos respectivos contextos culturais e religiosos? Outra questão diz respeito ao meio em que a teologia se manifesta. A cultura em questão é uma cultura escriturística ou uma cultura oral?²¹ Em muitos casos, trata-se de teologia na forma de textos de canções ou melodias, de danças e seu significado simbólico, de histórias que são contadas ou de padrões de ordem social nos quais a vida da comunidade é organizada. Trata-se dos locais e dos horários em que os cultos são realizados, das conexões e das distinções das tradições culturais e religiosas, dos valores e da mídia locais. Assim, o trabalho da teologia intercultural ocorre entre as formas de teologia explícita e implícita, sendo que a tarefa da teologia intercultural é tornar visível o significado oculto das teologias implícitas, ou seja, descrevê-las explicitamente.

4.3 ENTRE A SEMIÓTICA E O DISCURSO – TEOLOGIA INTERCULTURAL E PODER

Como as pessoas compartilham teologias implícitas e explícitas, e como as pessoas precisam concordar com determinados códigos semióticos para poderem entender umas às outras, surge a questão de quais fenômenos são considerados sinais significativos em uma determinada cultura. Aqui, o trabalho da teologia intercultural ocorre entre os polos da semiótica e do discurso: em uma determinada cultura cristã local, o significado não é simplesmente atribuído a certas coisas por acaso; pelo contrário, sempre há pessoas ou grupos de pessoas que afirmam interpretar em nome do grupo o que tem significado e o que não tem. Assim, a cultura nunca está simplesmente lá ou é dada; ao contrário, ela é sempre contestada.²² Quando, por exemplo, em culturas africanas ou da Oceania, autoridades masculinas (como teólogos do sexo masculino que também têm o status étnico-cultural de “chefe”) afirmam que, para uma determinada cultura local, a dominação masculina sempre foi um aspecto essencial da cultura e, portanto, agora também deve ser continuada

²⁰ WROGEMANN, 2016, p. 87-111, 171-228.

²¹ PRIOR, Randall G. **Contextualizing Theology in the South Pacific**: The Shape of Theology in Oral Cultures. Eugene: Pickwick Publications, 2019, p. 143-62.

²² WROGEMANN, 2016.

na igreja cristã local, isso geralmente encontrará uma resistência feroz das mulheres,²³ que, por sua vez, invocam tradições culturais que enfatizam a igualdade de gênero.

A teologia intercultural tem, portanto, a tarefa de reconhecer e descrever não apenas as formas locais de cristianismo, mas também os conflitos entre esses cristianismos locais. Surge a pergunta se os teólogos interculturais têm permissão para tomar partido em tais conflitos. Além disso, o que dizer do respectivo *locus* discursivo? Considere a observação que Matt Tomlinson faz no caso de uma teologia do Pacífico, em que os teólogos do Pacífico que estudam como bolsistas em seminários estrangeiros pedem que a teologia seja contextualizada e até mesmo colocam isso por escrito em suas dissertações – mas depois de retornarem às suas igrejas de origem e se tornarem membros da hierarquia da igreja, eles procuram impedir as mesmas mudanças!²⁴ As atitudes das pessoas em relação a questões como a contextualização, portanto, também dependem em grande parte do *locus* discursivo específico que ocupam. Uma pergunta que podemos fazer em contrapartida é quem pode ser considerado um teólogo intercultural em primeiro lugar. Os teólogos interculturais são, por definição, teólogos que vêm de um país ou cultura e investigam uma forma local de cristianismo em outro país (de preferência também em um continente diferente)? Ou eles são locais que interpretam sua própria cultura como teólogos interculturais a fim de tomar partido em determinadas questões? Resta saber como as coisas se desenvolverão, já que até o momento há tão poucas cátedras de teologia intercultural em países da África, Ásia, América Latina, Austrália e Oceania. No entanto, o requisito mínimo para os teólogos interculturais deve ser que, em termos de assunto, eles lidem com expressões locais significativamente diferentes do cristianismo e, portanto, façam jus à preposição *inter*.

4.4 ENTRE DESCRITIVA E NORMATIVA – TEOLOGIA INTERCULTURAL E METODOLOGIA

Essas observações nos levam à questão de até que ponto o assunto da teologia intercultural é descritivo ou normativo. A teologia intercultural não deveria operar em um nível puramente descritivo? Com base no que foi dito até agora, isso é possível ou provável? Diferentes estudiosos tenderão a se limitar a uma abordagem descritiva ou a fazer declarações teológicas também. O significado atribuído às

²³ PRIOR, 2019; STRAHM, Doris. **Vom Rand in die Mitte**: Christologie aus der Sicht von Frauen in Asien, Afrika und Lateinamerika. 2. Edition. Lucerne: Ed. Exodus, 1997.

²⁴ TOMLINSON, Matt. **God Is Samoan**: Dialogues between Culture and Theology in the Pacific. Honolulu: Honolulu University of Hawaii Press, 2020, p. 64-65.

declarações normativas varia muito, dependendo do histórico da igreja do teólogo (ortodoxa, católica romana, metodista, pentecostal etc.). Assim, a normatividade se torna um problema em um meta-nível. A questão não é apenas (a) qual fenômeno é considerado normativo (a tradição cristã, por exemplo, ou o magistério da igreja, a evidência da experiência espiritual ou as referências das Escrituras), mas também (b) qual significado é atribuído a qual tipo de normatividade e (c) em qual meio a normatividade se manifesta.

Enquanto em muitas tradições da igreja é exigido um alto grau de normatividade na área de adoração, as normatizações de, por exemplo, peregrinação, geralmente são definidas de forma muito menos rigorosa; enquanto limites nítidos são traçados quando se trata de adoração, os limites tendem a ser mais fluidos quando se trata de veneração. Um alto grau de normatividade é frequentemente mantido em relação a determinados meios, como visto, por exemplo, na forma como as igrejas ortodoxas tratam os ícones. É bastante improvável que símbolos locais, como os coqueiros do Pacífico, apareçam em ícones em um futuro próximo. Seja como for, as questões de normatividade não são arbitrárias, como fica evidente no exemplo das discussões em torno de uma minuta do documento do CMI *Together Towards Life*. O rascunho declarava, em dicção pneumatológica, “O Espírito Santo – Sopro de Fogo”. Após fortes protestos de vários participantes em uma conferência em Manila (2012), essa redação foi prontamente removida da minuta. Uma pessoa comentou com indignação: “O Espírito Santo não é um dragão!” Esse exemplo mostra que a metaforicidade da mensagem do Novo Testamento não é de forma alguma arbitrária. Por isso, continuamos voltando ao trabalho de delimitação.

4.5 ENTRE A UNIDADE E A DIVERSIDADE – TEOLOGIA INTERCULTURAL E PLURALIDADE

A teologia intercultural está preocupada não apenas com o surgimento de novas vertentes do cristianismo, mas também com a questão de como determinar a relação entre diversidade e unidade. Qual é a contrapartida das tendências de diversificação? É a homogeneização? E quanto ao fato de o cristianismo ter sido marcado por uma certa pluralidade desde o seu início? A maneira pela qual a Bíblia surgiu pode ser considerada um símbolo dessa pluralidade: o cristianismo primitivo não homogeneizou as primeiras escrituras; em vez disso, ao longo de um período de tempo, reconheceu uma seleção de 27 escrituras como o cânone do Novo Testamento. De uma perspectiva teológica, a pluralidade de experiências espirituais corresponde à pluralidade de escritos considerados inspirados. Dito isso, essa pluralidade permaneceu limitada em sua natureza e não deu origem a um pluralismo

sem limites²⁵. Portanto, a teologia intercultural tem a tarefa de investigar um conceito viável de pluralidade.

Teologicamente, trata-se de formular um conceito de unidade cristã que seja capaz de representar uma pluralidade contínua, porém *limitada*, de presenças cristãs na doutrina, na práxis e nos meios. Ao mesmo tempo, trata-se de criticar conceitos de unidade que negariam o valor teológico intrínseco de outras expressões da fé cristã. É óbvio que ambos os conceitos, pluralidade e unidade, são questões extremamente polêmicas. Com relação a esse tópico, também, permanece o fato de que a teologia intercultural deve ser entendida como uma teologia intermediária, encarregada de fazer perguntas incômodas e criticar respostas descuidadas.

4.6 ENTRE O LOCAL E O TRANSLOCAL – TEOLOGIA INTERCULTURAL E CONECTIVIDADE

Em cada uma das observações feitas até agora, as variedades locais do cristianismo estão conectadas em vários níveis às expressões translocais do cristianismo. A *natureza* dessa conectividade é de fundamental importância. Isso é verdade, por exemplo, no caso da família Anglicana, cujo ponto de referência conectivo é o Arcebispo de Canterbury. Aqueles que reconhecem a sucessão histórica e, com ela, o Arcebispo de Canterbury, são considerados membros da família Anglicana. Essa conectividade impõe certos limites às expressões de variantes locais do cristianismo. O mesmo se aplica a outras correntes do cristianismo: a conectividade translocal permite e incentiva certas formas de contextualização local e inibe ou proíbe outras formas. As forças centrífugas que entram em ação na formação de variedades sempre novas do cristianismo local são, portanto, opostas pelas forças centrípetas da conectividade. As forças centrífugas podem ter um efeito diversificador, enquanto as forças centrípetas têm um efeito homogeneizador. Como nas outras questões, as questões de poder desempenham um papel fundamental. Por exemplo, as forças luteranas conservadoras dos Estados Unidos estão tentando persuadir as igrejas luteranas nos países bálticos a interromper ou retirar a ordenação de mulheres por meio da promessa de financiamento. Várias igrejas na Europa estão tentando, por meio de vários programas, fazer com que as igrejas irmãs na África e na Ásia reconheçam teologicamente a homossexualidade. A conectividade é encontrada em muitas

²⁵ SCHNELLE, Udo. *Die ersten 100 Jahre des Christentums 30–130 n. Chr.: Die Entstehungsgeschichte einer Weltreligion*. 3. neu bearb. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 2019, p. 480.

formas, desde consultas conjuntas, bolsas de estudo e programas de intercâmbio, até a comunicação por meio da mídia social.

5 TEOLOGIA INTERMEDIÁRIA: CULTURAS-MISSÕES-RELIGIÕES

Como uma teologia intermediária e em virtude de seu assunto, a teologia intercultural se preocupa principalmente com culturas (e contextos), com interações transfronteiriças e, portanto, com formas muito diferentes de missões²⁶ e com a reflexão sobre as relações inter-religiosas (e, portanto, com outras tradições religiosas). Para cada campo, é necessário levar em conta as diferentes formas de inter e refletir sobre elas: como os discursos da elite e a vida em nível base se relacionam entre si? Como a teologia implícita e a explícita se relacionam entre si? O que pode ser dito sobre as relações entre semiótica e discurso, descritividade e normatividade, unidade e diversidade, e localidade e conectividade?

Ao abordar essas questões e os interstícios estabelecidos por elas, a teologia intercultural contribui para o desenvolvimento de uma compreensão mais abrangente da realidade, por um lado, e da teologia, por outro. Portanto, não se trata mais de discutir ideias teológicas em um vácuo ou simplesmente ponderar sobre artefatos cognitivos e sua aplicação, mas sobre as forças, os espaços e as atmosferas em que o Evangelho de Jesus de Nazaré, o Messias e Filho de Deus, se manifesta de maneiras sempre novas e vivificantes, transformando o mundo pecaminoso em direção ao amor do Deus trino. Ao contribuir para essa compreensão mais abrangente da realidade e da teologia, a teologia intercultural nos ajuda a entender a complexidade dos processos que continuam ocorrendo nas interações transfronteiriças dessa mensagem universal de salvação: primeiro, os processos de surgimento de novas variedades de cristianismo culturalmente contextuais locais; segundo, os processos de desenvolvimento de novas formas de atividade missionária; e, terceiro, os processos de trabalho construtivo de fronteira em relação a outras religiões e visões de mundo com suas reivindicações de verdade, valores e práticas concorrentes.

6 REFERÊNCIAS

ASAMOA-H-GYADU, J. Kwabena. **Contemporary Pentecostal Christianity: Interpretations from an African Context**. Oxford: Regnum Books International, 2013.

²⁶ WROGEMANN, 2018.

BARKER, John. Secondary Conversion and the Anthropology of Christianity in Melanesia. In: **Archives de Sciences Sociales des Religions**. [S.l.], v. 157, jan.-mar./2012, p. 67–87. Disponível em: <https://journals.openedition.org/assr/23633?lang=en> .

_____. The One and the Many: Church-centered Innovations in a Papua New Guinean Community. In: **Current Anthropology**. [S.l.], v. 55, n. 10, dez./2014, p. 172–181. Disponível em: <<https://doi.org/10.1086/678291>>.

BEDIAKO, Kwame. The Emergence of World Christianity and the Remaking of Theology. In: BURROWS, William R.; GORNIK, Mark R.; MCLEAN, Janice A (Eds.). **Understanding World Christianity: The Vision and Work of Andrew F. Walls**. Maryknoll: Orbis Books, 2011, p. 242–55.

BIRD, Cliff. Together Towards Life and Contemporary Pacific Theology. In: ROSS, Kenneth R.; KEUM, Jooseop; AVTZI, Kyriaki; HEWITT, Roderick R. (Eds.). **Ecumenical Missiology: Changing Landscapes and New Conceptions of Mission**. Oxford: Regnum Books International, 2016, p. 507–518.

CABRIT, Joel; MAXWELL, David; WILD-WOOD, Emma (Eds.). **Relocating World Christianity: Interdisciplinary Studies in Universal and Local Expressions of the Christian Faith, Theology and Mission in World Christianity**. Leiden: Brill, 2017, v. 7.

CANNELL, Fenella (Ed.). **The Anthropology of Christianity**. Durham: Duke University Press, 2006.

CARTLEDGE, Mark J. (Ed.). **Intercultural Theology: Approaches and Themes**. Norwich: SCM-Press, 2011.

DAUGHRITY, Dyron B. Ignoring the East: Correcting a Serious Flaw in World Christianity Scholarship. In: ADOGAME, Afe; SHANKAR, Shobana (Eds.). **Religion on the Move!: New Dynamics of Christian Expansion in a Globalizing World**. Leiden: Brill, 2013, p. 41–59.

ENGELKE, Matthew; TOMLINSON, Matt (Eds.). **The Limits of Meaning: Case Studies in the Anthropology of Christianity**. New York: Berghahn Books, 2006.

FLETT, John; WROGEMANN, Henning. **Questions of Context: Reading a Century of German Mission Theology**. Downers Grove: IVP, 2020.

_____. Method in Mission Studies: Comparing World Christianity and Intercultural Theology. In: **Theologische Literaturzeitung**. Leipzig, v. 143, 2018, p. 717–732.

FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya (Eds.). **World Christianity: Methodological Considerations**. Leiden: Brill, 2020. (Theology and Mission in World Christianity, 19)

_____. World Christianity: Contours of an Approach. In: FREDERIKS, Martha; NAGY, Dorottya (Eds.). **World Christianity: Methodological Considerations**. Leiden: Brill, 2020, p. 10-40. (Theology and Mission in World Christianity, 19)

GRUBER, Judith. Intercultural Theology as a (Post)colonial Project? In: **Interreligious Studies and Intercultural Theology**. Sheffield: Equinox Publishing, 2017, v. 1, p. 105–111.

HABERMAS, Jürgen. **Der philosophische Diskurs der Moderne**. Frankfurt: Suhrkamp, 1988.

HANN, Chris. The Heart of the Matter: Christianity, Materiality, and Modernity. In: **Current Anthropology**. [S.l.], v. 55, n. 10, dez./2014, p. 182–92. Disponível em: <<https://doi.org/10.1086/678184>>.

MÖLLER, Horst. **Vernunft und Kritik: Deutsche Aufklärung im 17. und 18. Jahrhundert**. Frankfurt: Suhrkamp, 1986.

NAGY, Dorottya. World Christianity as a Theological Approach: A Reflection from Central and Eastern Europe. In: CABRITA, Joel; MAXWELL, David; WILD-WOOD, Emma (Eds.). **Relocating World Christianity**. Leiden: Brill, 2017, p. 143–161.

PAAS, Stefan. Intercultural Theology and Missiology. In: **Interreligious Studies and Intercultural Theology**. Sheffield: Equinox Publishing, v. 1, n. 1, 2017, p. 133–39. Disponível em: <<https://doi.org/10.1558/isit.32687>>.

PHAN, Peter C. World Christianity and Christian Mission: Are They Compatible? Insights from the Asian Churches. In: **International Bulletin of Mission Research**. [S.l.], v. 32, n. 4, 2008, p. 193–200. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/239693930803200406>>.

PRIOR, Randall G. **Contextualizing Theology in the South Pacific: The Shape of Theology in Oral Cultures**. Eugene: Pickwick Publications, 2019.

ROBBINS, Joel. What is a Christian? Notes toward an Anthropology of Christianity. In: **Religion**. [S.l.], v. 33, n. 3, 2003, p. 191–99. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S0048-721X\(03\)00060-5](https://doi.org/10.1016/S0048-721X(03)00060-5)>.

_____. Anthropology of Christianity: Unity, Diversity, New Directions: An Introduction to Supplement 10. In: **Current Anthropology**. [S.l.], v. 55, n. 10, dez./2014, p. 157–171. Disponível em: <<https://doi.org/10.1086/678289>>.

SANNEH, Lamin. **Translating the Message: The Missionary Impact of Culture.** Maryknoll: Orbis Books, 1989.

SCHNELLE, Udo. **Die ersten 100 Jahre des Christentums 30–130 n. Chr.:** Die Entstehungsgeschichte einer Weltreligion. 3. neu bearb. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 2019.

STRAHM, Doris. **Vom Rand in die Mitte: Christologie aus der Sicht von Frauen in Asien, Afrika und Lateinamerika.** 2. Edition. Lucerne: Ed. Exodus, 1997.

TAN, Jonathan Y.; TRAN, Anh Q. (Eds.). **World Christianity: Perspectives and Insights; Essays in Honor of Peter C. Phan.** Maryknoll: Orbis Books, 2016.

TOMLINSON, Matt. **God Is Samoan: Dialogues between Culture and Theology in the Pacific.** Honolulu: Honolulu University of Hawaii Press, 2020.

VAN DEN TOREN, Benno. Intercultural Theology as a Three-Way Conversation: Beyond the Western Dominance of Intercultural Theology. In: **Exchange. [S.l.]**, v. 44, 2015, p 123–143.

WALZ, Heike. A Critique of European Reason?: Challenges for Intercultural Theology from Latin America and Africa. In: FLETT, John; WROGEMANN, Henning (Eds.). **Questions of Context.** Downers Grove: IVP, 2020, p. 190–196.

WROGEMANN, Henning. **Intercultural Hermeneutics.** Downers Grove: IVP, 2016. (Intercultural Theology, 1)

_____. 2018. **Theologies of Mission.** Downers Grove: IVP, 2018. (Intercultural Theology, 2)

_____. **A Theology of Interreligious Relations.** Downers Grove: IVP, 2019. (Intercultural Theology, 3)